



Marco Posadas*

Como se escuta o gênero na clínica psicanalítica: um olhar antiopressivo

Como pensamos e discutimos sobre gênero e diversidade de gênero os psicanalistas? Em minha experiência, pensar (mas, sobretudo, discutir) o gênero na psicanálise produz angústia, desarticula e desajusta o psicanalista. É algo que nos incomoda. Isto acontece particularmente se queremos incluir em nosso entendimento de gênero experiências que estão fora da hegemonia binária masculino-feminino. Eu chamo esta forma de escuta de *antiopressiva*, termo que tomei de minha experiência como assistente social. Se a psicanálise, a partir de minha experiência clínica com grupos de gênero diverso, é a proposta terapêutica mais antiopressiva, por que ficamos tão travados com o gênero?

Como tudo, na psicanálise as respostas a estas questões de gênero podem ser diferentes, contraditórias, mas, sobretudo podem produzir angústia.

Como categoria profissional, dentro da clínica, ainda não pudemos contribuir no mesmo nível que outras áreas (Chodorow, 1994; Drescher, 2008; Young-Bruehl, 1991).

A nível institucional começamos a estabe-

lecer um diálogo para podermos contribuir com o debate de gênero e oferecer propostas que respondam às necessidades psíquicas do sujeito, considerando sua expressão ou identidade de gênero. Um exemplo disto é a criação em 2017 do primeiro Comitê de Estudos em Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, segundo suas siglas em inglês) somente 107 anos depois que Freud fundou a IPA (Loewenberg e Thompson, 2011).

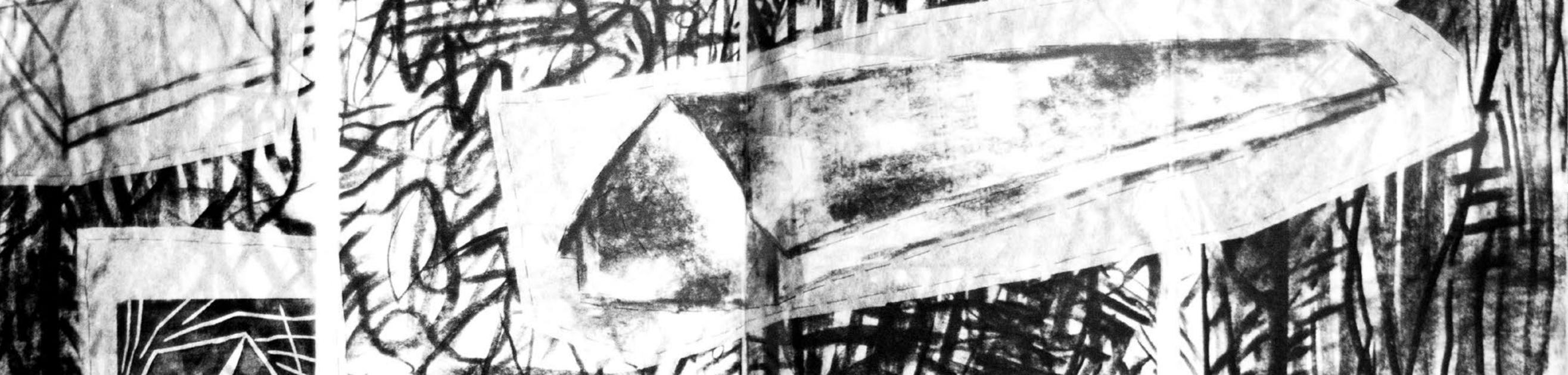
Seria possível afirmar que na psicanálise latino-americana, especialmente nos institutos de formação, não temos modelos que permitam uma escuta analítica da diversidade de gênero, e isso inevitavelmente nos impacta na clínica.

Como escutamos os pacientes que estão fora do binário masculino-feminino? Quais problemas enfrentamos quando as ideias do analista viram preconceitos?

Hoje em dia vemos que existem pacientes trans¹ como consequência do aumento da visibilidade de pessoas transgênero na mídia e no cotidiano. O incremento nas leis que

* Instituto e Sociedade Psicanalítica de Toronto; Asociación Psicoanalítica Mexicana.

1. Usarei a palavra *trans* para referir-me às identidades que estão fora do binário de expressão de gênero feminino-masculino. Esta ferramenta pedagógica traz problemas, visto que privilegia o termo trans, que tem sido criticado por acadêmicos em estudos transgênero (Stryker, 2008).



protegem as minorias de gênero da violência e das expressões de ódio facilitaram que a psicanálise gerasse propostas que não patologizem os pacientes trans. Quer dizer, uma pessoa trans não é um “transtorno” mental (Robles et al, 2016). Este posicionamento de afirmação da possibilidade de existir fora do binário hegemônico masculino-feminino é indispensável para o estabelecimento de uma aliança terapêutica sólida que suporte as tensões nas dinâmicas transferenciais e contratransferenciais. Esta postura na escuta da pessoa cisgênero pode assegurar-nos como psicanalistas e fortalece o modo em que praticamos a neutralidade psicanalítica, condição *sine qua non* para a escuta analítica.

Quando falamos do paciente trans, falamos de seu sofrimento, e na clínica psicanalítica devemos definir como escutamos esse sofrimento. Precisamos de uma escuta que facilite a ação terapêutica no tratamento. Na mesma linha em que a psicanalista argentina Patricia Gherovici (2017) recomenda uma mudança de sexo dentro da psicanálise, devemos reenunciar o preconceito em nossas teorias sobre a expressão criativa de gênero e sexual. Algumas de nossas teorias que se tornaram rígidas pelos preconceitos limitam nossas formulações clínicas e nos predis põem a participar em repetições traumáticas para o paciente dentro do *setting* analítico.

Historicamente ficamos na escuta de estereótipos de heterossexualidade hegemônica

construídos dentro de um sistema de gênero binário que fragmenta e polariza posicionamentos subjetivos de expressão e identidade de gênero: *o masculino e o feminino*. Levou décadas para reconhecermos que não entendíamos a sexualidade feminina; quanto tempo imaginamos que precisaremos, como psicanalistas, para podermos entender a complexidade de pensar o gênero além do binário masculino-feminino?

Para podermos articular uma escuta analítica do que hoje se apresenta em nossos consultórios como diversidade de gênero, temos que poder articular o como pensamos sobre esta questão. Na América Latina, como no mundo inteiro, estamos tomados por preconceitos, e os psicanalistas não são uma exceção. É por isso que gostaria de citar algumas psicanalistas latino-americanas como Patricia Gherovici e Leticia Glocer Fiorini, entre outros, que apresentam propostas interessantes para pensar e poder escutar o diferente dentro da expressão de gênero e sexualidade humana.

As recomendações clínicas que ambas fazem em seus livros permitem um novo conceito da expressão de gênero além da causalidade e da patologia. Patricia Gherovici (2010, 2017) propõe alternativas teóricas sustentadas em seu trabalho clínico com pacientes transgênero sem patologizar a identidade do paciente. Leticia Glocer Fiorini, em seu livro *A diferença sexual em debate: Corpos, desejos e ficção* (2015), propõe um modelo teórico

para pensar o não binário, acrescentando uma terceira função. Essa terceira função, como Glocer Fiorini a denomina, é uma função de simbolização que permite um maior movimento nas formulações de gênero diversas ou não-conformistas.

Este movimento – embora aparentemente sutil em nossa escuta – nos leva de um modo inevitável a identificarmos preconceitos internalizados nas duas partes da díade analítica. Estes preconceitos internalizados inconscientemente – e outras vezes nem tão inconscientemente – se expressam normalmente nas dinâmicas transferenciais e contratransferenciais. Os preconceitos internalizados podem identificar-se nas experiências contratransferenciais no analista em forma de suposições errôneas sobre o paciente. Estas suposições errôneas estão presentes na mente do analista como se fossem fissuras que facilitam a internalização de preconceitos específicos dirigidos a pacientes marginalizados. No caso de pessoas trans, um preconceito que temos internalizado como psicanalistas é a crença de que a pessoa trans é psicótica (Millot, 1989; Gherovici 2017). Essa ideia, a ideia de que a pessoa trans tem uma organização psicótica, é basicamente uma metáfora psicanalítica de como a sociedade hétero e cisnormativa responde à natureza dinâmica da expressão de gênero: apagando-a do imaginário social e re-enunciando-a como psicótica. Esta é uma das características que, desde Freud, a expressão

de gênero compartilha com o inconsciente: o inconsciente e a expressão de gênero são dinâmicos, fluidos e não estáticos.

Referências

- Chodorow, N. (1994). *Femininities, masculinities, sexualities. Freud and beyond*. Londres: Free Association Books.
- Drescher, J. (2008). A history of homosexuality and organized psychoanalysis. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 36(3), 443-460.
- Freud, S. (1961a). Female sexuality. Em S. Freud, *Standard edition* (vol. 21, pp. 225-243). Londres: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1961b). Femininity: New introductory lectures on psychoanalysis. Em S. Freud, *Standard edition* (vol. 22, pp. 112-135). Londres: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1961c). Some psychical consequences of the anatomical differences between the sexes. Em S. Freud, *Standard edition* (vol. 19, pp. 248-258). Londres: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1925).
- Gherovici, P. (2010). *Please select your gender: From the invention of hysteria to the democratizing of transgenderism*. Londres: Routledge.
- Gherovici, P. (2017). *Transgender psychoanalysis: A Lacanian perspective on sexual difference*. Londres: Routledge.
- Glocer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: Cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar.
- Loewenberg, P. y Thompson, N. L. (ed.). (2011). *100 years of the IPA: The centenary history of the International Psychoanalytical Association*. Londres: Karnac.
- Millot, C. (1989). *Horsexe: Essay on transsexuality*. Nova York: Autonomia.
- Robles, R., et al. (2016). Removing transgender identity from the classification of mental disorders: A Mexican field study for ICD-11. *The Lancet*, 3, 850-859.
- Stryker, S. (2008). *Transgender history*. Berkeley: Seal.
- Young-Bruehl, E. (1991). Rereading Freud on female development. *Psychoanalytic Inquiry*, 11, 427-440.